



## INFORMATIVO

# O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.**

**ANO 2021**

**Abril**

**Nº 372**

## **Arma Blindada no Brasil: Decidir sem Temor! - Nelson Düring –**

**Editor-Chefe do site DefesaNet**

**R**eflexão sobre as decisões do caminho a seguir na encruzilhada estratégica sobre a Arma Blindada do Exército Brasileiro

“O ataque dos carros tem uma grande influência moral, provoca, é indiscutível, o mais desmoralizador efeito sobre o inimigo, e, correspondentemente, estimula, encoraja as tropas atacantes; ao mesmo tempo em que protege as suas vidas, aterroriza e desmoraliza o inimigo, vencendo os ninhos de metralhadoras, destruindo as redes de arame farpado e demais obstáculos e facilitando o avanço da infantaria e assegurando a conquista do terreno.”

A clássica obra “Os Tanques na Guerra Europeia 1914-1918”, do Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, reeditada em 2018 pela ESG, inspira o momento de reavaliar a Arma Blindada no Brasil de forma a subsidiar as decisões.

### **As Funções do Carro de Combate ao longo de um Século**

**C**olocaremos em três momentos diferentes funções que o Carro de Combate tomou ao longo de um século. Um fato é importante é que sempre devemos considerar o efeito choque:

- 1 – I Guerra Mundial - A função básica era de tentar romper as cercas de arame farpado e conseguir passar as trincheiras;
- 2 – II Guerra Mundial – Adquire a capacidade de manobra e choque. Batalha de Carros x Carros, em momentos determinados, como Kursk, no front russo;

3 – Guerra do Yom Kippur (1973) – Dois Teatros de Operações distintos. Nas Colinas de Golan uma Guerra de posição onde a precisão de tiro dos carros Centurion israelenses foi decisiva para derrotar as massas blindadas Sírias. Na Península do Sinai o ataque israelense foi dizimado pelos mísseis Anti-Carro, dos egípcios, nos primeiros dias do conflito.

Estas realidades, vão permanecer e serem aperfeiçoados nos 50 anos seguintes. Na Guerra Fria a concentração de Carros de Combate/MBT no Front Central, tanto pela OTAN, como o Pacto de Varsóvia e a falta de espaço para manobra levou como prioridade a precisão de tiro. Atirar certo primeiro, o mais longe possível, e sobreviver ao eventual sucesso do inimigo se nos atingir.

O autor teve a rara oportunidade de acompanhar duas edições, 1987 e 89, da competição da OTAN, o Canadian Army Trophy (CAT). Participantes todos os países com Carros de Combate, na Alemanha. O pelotão de carros cumpria um trajeto no stand onde alvos, simulando blindados ou tropa, apareciam de forma inesperada.

O Objetivo era testar a velocidade de reação x precisão de tiro x quantidade de munição usada. Aqui o claro objetivo, avaliar a performance das equipes, em conter a massa de carros de combate soviéticos e de seus aliados correndo na Alemanha.

Alguns itens ficaram ressaltados:

1 - Superioridade em Sensores e Comunicações é Fundamental;

2 - Armamento eficaz com munição letal e de maior Vo (ou VI) (Velocidade Inicial), possível; e

3 - Blindagem e Mobilidade.

Caso o país concorrente era deficiente em algum ponto isto poderia ser compensado com: treinamento, treinamento, treinamento e mais treinamento.

Dois casos são clássicos nas edições do CAT:

1 – Belgas – Com seu carro Leopard 1BE, uma versão inferior ao atual Leopard 1A5BR, conseguiam excelentes resultados, caso algum pelotão de M1 Abrams americanos ou Leopard 2 da Alemanha ou Holandeses se distraíssem; e

2 – Holandeses – A Alemanha não fornecia aos holandeses a mesma munição dos Leopard 2, canhão 120mm alma lisa, tão veloz, como a que as tripulações alemãs usavam. A solução dos holandeses, foi: treinar, treinar, treinar.

Mesmo assim foram superados pelos "guris" holandeses, em 1987. A vitória na edição do CAT 89, tornou-se um caso de honra nacional.

O Tanque está morto? Longa vida ao Tanque (Carro de Combate – CC).

A cada conflito há sempre os que decretam o fim do Carro de Combate. Podemos certamente afirmar que não chegou este momento, mas não conseguimos responder a estas perguntas.

Quais serão as missões dos Carros de Combate em Operações de Amplo Espectro às Missões de Paz e até GLO?

Estas pequenas digressões e questões levam ao ponto atual e das encruzilhadas em que os blindados estão no Brasil.

Dois movimentos relevantes ocorreram na Arma Blindada nos anos 2000:

1 – Concentrar as forças blindadas no Sul (CMS), transferindo dois RCC localizados no eixo da Av. Brasil (RJ); e

2 – Com a Família Leopard 1A5BR introduzir o Projeto de Arma Blindada Estruturado e Sistemático.

A experiência com o Leopard 1BE (Bélgica), e em certa parte com o M60A3TTS, foram confusas e desconectadas. O que levou o representante da KMW, na FIDAE 2000, afirmar ao autor, que a operação do Leopard 1BE, pelo Brasil, colocava em risco o nome e prestígio da KMW no mundo. Embora a empresa alemã não tivesse no momento nenhum contato com o Brasil.

Ao longo destes 20 anos, um notável progresso. O Exército Brasileiro começou a entender e praticar, em especial na última década, operações blindadas mais amplas e complexas.

O Estado-Maior do Exército (EME), lançou a “Diretriz Estratégica para a Formulação Conceitual dos Meios Blindados do Exército Brasileiro”, através da Portaria 162, de 12JUN2019. Surge a “Nova Couraça”, que veio com grandes expectativas. O resultado já apresentado ao EME, ainda permanece de classificado como restrito. DefesaNet, não teve acesso aos membros da equipe formada, para pesquisar este artigo.

A Diretriz definia que fossem estudadas opções para a VBC CC Leopard 1A5BR:

“Realizar estudo preliminar sobre a possibilidade de modernização pela indústria nacional e estudo sobre a nacionalização de parte de seus componentes principais, para minimizar a dependência logística de empresas estrangeiras. Os estudos deverão focar, principalmente, alguns de seus componentes optrônicos e o giro da torre. Paralelamente, iniciar o planejamento da obtenção de um carro de combate médio nacional, seja por projeto original, seja por fabricação sob licença de um modelo estrangeiro.”

## **O Teatro de Operações Regional**

Miremos o Teatro de Operações Regional, com os países fronteiriços que possuem Arma Blindada: Argentina, Uruguai e Bolívia.

Não considerada a Venezuela, mesmo com o terreno chamado apto às operações blindadas o “Lavradio”, mas desconsideramos nesta análise.

### **Argentina**

O Exército Argentino tem há uma década a combinação HUMMER e o míssil de longo alcance TOW2B, equipados com visão termográfica, ambos de procedência americana. Os argentinos operam seus TAM (Tanque Argentino Mediano), operando em um arco de proteção dos mísseis TOW, alcance 3500 a 4000m. Muito mais que a distância efetiva dos canhões 105mm (L7A3) do Leopard 1A5BR. Há poucas informações e material sobre operações do binômio TAM, Infantaria Blindada e Hummers+TOW.

### **Uruguai**

Quando as tripulações uruguaias trocaram as bandeiras brasileiras pelas uruguaias, nos 25 M-41C, doados pelo Brasil ao Exército Uruguaio poderia passar a impressão de viver no passado. A solenidade prestigiada pelos comandantes dos dois Exércitos, ocorreu em dezembro de 2019. No 7º RC Mec, em Sant’Ana do Livramento, RS, o Exército Brasileiro realizou a solenidade de doação de 25 Carros de Combate M41C ao Exército Uruguaio. Não é o caso. Em um hipotético conflito o invasor não teria os veteranos blindados M-41C, desativados das Forças Brasileiras pela frente, mas sim os caçadores, deslocando-se em viaturas Land Rover e equipados com mísseis MBDA Milan. Com a linha de visada limpa do Pampa seriam um inimigo temido. Em especial pela visão termal que permitem operações noturnas.

### **Bolívia**

A Bolívia possui o sistema de míssil chinês HJ-8, Hongjian 8, muito similar em conceito ao americano TOW. É creditado o alcance de cerca de 4.000 m. Possui uma mira termal. A versão HJ-8L inclui várias melhorias e performance na penetração. Sistema míssil AC HJ-8, Hongjian 8, de origem chinesa em uso pelo Exército Boliviano

### **Chile**

O Chile merece uma menção importante. O representante chileno a um evento realizado, no Rio de Janeiro, em 2012, declarou ao autor: “O objetivo do Chile é ter superioridade regional em equipamento blindado”. Encruzilhada histórica para a Arma Blindada. A digressão histórica e a avaliação do Teatro de Operações servem de base para a análise do atual momento da Arma Blindada do Exército Brasileiro.

O que está na mesa para decidir não é uma proposta de Modernização, muito menos podemos considerar Revitalização ou Repotencialização, mas sim uma proposta regressiva. Há exatos 55 anos saía o primeiro Leopard da linha de produção da Krauss-Maffei (09SET1965), em Munique. Vinte anos após, versões mais capazes empregadas pelos Belgas e Canadenses não eram páreo para os Leopard 2 e M1 Abrams. Ambos modelos, que além de optrônicos, com visão termográfica, incluíam um fundamental incremento em blindagem e armamento principal. A versão Leopard1A5, uma modernização de 1.276 Leopard 1A1A, modelos das primeiras séries, foi desenvolvida pelo Exército Alemão, para serem empregados como uma segunda linha, caso as pontas do ataque do Pacto de Varsóvia conseguissem romper as defesas da OTAN.

Portanto temos envelhecimento:

- conceitual;
- projeto; e
- componentes automotivos e estrutural.

O mais importante é como rejuvenescer a VBC CC Leopard 1A5BR torna-la competitiva até 2040? Seriam 75 anos de uso, lembrando que as atuais viaturas foram produzidas no período de 1965-1974. Modernizar para ser a “Ponta de Lança”? Todas as modernizações realizadas no mundo, mostram que as unidades são usadas como reserva operacional.

“É conveniente ressaltar que nenhum kit de modernização é capaz de transformar o core do projeto que deu origem ao carro, ou seja, o que foi idealizado desde sua gênese, dificilmente será alterado. Em ambos os casos, independentemente de quais itens sejam modernizados, estes apenas mitigariam as vulnerabilidades do carro face as atuais ameaças.”

Portanto, temos na mesa uma proposta de um investimento algo em torno de R\$ 6/10 Milhões por cada Carro. Uma missão de hercúlea e custosa de alterar ou acrescentar sistemas: optrônicos / elétricos / mecânicos / blindagem. Com resultados incrementais e de pouco ganho na performance final do sistema VBC CC Leopard1A5BR, com um custo real enorme. Dados levantados por DefesaNet mostram este esforço em R\$ 1,6 – 2,0 Bilhões, que drenará os sempre recursos escassos, e com resultado operacional marginal.

Temos de avaliar uma proposta de melhoria nos parâmetros de:

- 1 - Missão - Qual a missão a ser definida para um Leopard1A5+? Isto terá profundo impacto no custo, prazo da definição do projeto e detalhamento de engenharia;
- 2 – Prazo - A solicitação de uma proposta de técnica-operacional detalhando a melhoria em sistemas do VBC CC Leopard1A5BR, seguindo o projeto de engenharia e seu detalhamento seriam um prazo de dois anos. Incluindo os testes de protótipos teríamos na melhor do ciclo um prazo de 2 a 4 anos; e
- 3 - Custo - O custo do esforço de desenvolvimento e industrialização canibalizarão os recursos do desenvolvimento de uma nova VBC CC, para um ganho incremental em performance.

A proposta tem muito do esforço e pensamento de fazer o melhor, mas que tem levado a decisões desastrosas nas Forças Armadas Brasileiras, como o leasing do B-767 pela FAB.

“Não há, nem nunca houve recursos para produzir o que se quer e na quantidade necessária.” Comentário de um membro do grupo da Nova Couraça postado em rede social. O Estado-Maior do Exército necessita tomar ações imediatas na revisão do Contrato de Suporte Logístico (CSL), em curso, para que o atual prestador do serviço assuma todo o ciclo. O atual com a responsabilidade de aquisição de repostos pelo Exército Brasileiro tem gerado descompasso e tornou-se crítico. De imediato aumentaria disponibilidade de carros a um nível aceitável.

Alguns pontos para considerar:

- Se os atores do Teatro Operacional sinalizam um perfil operacional, que parece não ser avaliado em todo pelo EB?;
- Experiências de combates recentes (Ucrânia, Síria, Iêmen e agora Armênia-Azerbaijão), mostram o grande impacto nas operações do míssil AC e sistemas de artilharia com munições especiais;



- As ofertas de parceiro tem de ser olhadas do ponto de vista estratégico. Um país que é tem adotado uma política de intervenção e desestabilização na África e na sua região é aliado de país hostil ao Brasil. O relacionamento nos níveis comercial, industrial e político poderá tornar-se totalmente incerto; e
- Modernizar o velho, cansado e exaurido Leopard1A5, ou romper barreiras?

Adequamos a frase épica adotada pelo Comandante do Exército Brasileiro em recente mensagem. As decisões a serem tomadas e a definição do curso de ação o exigirá para os que definem os rumos da Arma Blindada: “Decidiremos sem Temor”

“Estamos convencidos de que os alemães, tendo sido extremamente limitados em suas forças militares, pelo Tratado de Paz (Versalhes), irão construir tanques destes novos modelos, que serão dotados de aparelhos para emissão de gases os mais deletérios. Eles, com estes engenhos, terão uma arma tão mortífera que as demais não terão poder para se lhe contrapor. É preciso, portanto, que não nos deixemos apanhar de surpresa, e aproveitemos a supremacia material que conquistamos à custa de nosso sangue e de enorme sacrifício”.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

# O adeus ao Coronel Cambeses



**E**m 13 de fevereiro de 2019 a revista ASAS lamentou comunicar o falecimento do Coronel Manuel Cambe-  
ses Júnior, ocorrido naquela data.

Aviador da Força Aérea Brasileira, também foi escritor, palestrante e conselheiro do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER), onde também assumiu a vice-direção. Era ainda membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.



Entre suas obras estão os livros “A Saga do Correio Aéreo Nacional”, “O emprego do avião na revolução constitucionista de 1932”, “A primeira travessia aérea do Atlântico Sul” e “Temas estratégicos: Reflexões de um Velha Águia”, este último em quatro volumes. Fez várias contribuições para o “Ideias em Destaque”, do INCAER, e para publicações de instituições militares, onde também se destacou nacionalmente,

Respeitado como historiador militar, atuou como comentarista na CBN, Bandeirantes, Jovem Pan e Globo News. Publicou ainda artigos no “O Globo”, “Folha de São Paulo”, “O Estado de Minas” e vários outros jornais e revistas do Brasil.

Como aviador, acumulou mais de 7.500 horas de voo em 12 tipos de aeronaves: T-6, T-27, T-37, TC-45T, C-47, C-95, C-115 e C-130. Foi piloto de busca e salvamento, transporte de tropa e reabastecimento em voo, além de instrutor na Academia da Força Aérea.

Natural do Rio de Janeiro, o Coronel Cambeses foi casado com a senhora Sônia Martins Cambeses, com quem teve dois filhos: André Luiz e Danielle.

[illegible]

## MAIS UMA HOMENAGEM AO GENERAL MIOTTO



(Alocução pronunciada pelo Gen Ex Geraldo Antônio Miotto em sua despedida do Comando da 3ª DE em 06 Fev 2015. Em 20 Jan 2021 ele veio a falecer, quando já se encontrava na reserva, após ter passado o Cmdo do CMS (Transcrito do Jornal de Alegrete Expresso Minuano, de 16 Jan 2021)

- Pedi a Deus força e vigor, e...  
Deus me mandou dificuldades para me fazer forte;  
- Pedi sabedoria, e...  
Deus me mandou problemas para resolver;  
- Pedi a prosperidade, e...  
Deus me deu energia para trabalhar;  
- Pedi coragem, e...  
Deus me mandou situações perigosas e difíceis de superar;  
- Pedi tranquilidade, e...  
Deus me proporcionou cenários incertos para labutar;  
- Pedi favores, e...  
Deus me deu oportunidade;

Não recebi nada do que pedi.

Mas, recebi de Deus, tudo que precisei: Serenidade, Amizade, Cooperação, Companheirismo, Paz e Proteção. **AÇO! BOINA PRETA, BRASIL!**



**Por que os Estados Unidos perderam suas três últimas guerras?**

*Por Bing West, historiador militar, National Review*



**S**e o fracasso em nossas últimas três pequenas guerras nos diz alguma coisa é que o eixo político emanado da Casa Branca cresceu muito confiante em sua própria e quixotesca infalibilidade, não desafiada por um Congresso divisivo, que é indiferente a questões de guerra.

Os Estados Unidos são o país mais poderoso da história mundial, contudo não ganhou nenhuma das três principais guerras que travou no último meio século. Suas tropas lutaram no Vietnã por nove anos e no Iraque por doze. Ainda lutam há 20 anos no Afeganistão, onde nossos generais estão pedindo ao Talibã que pare de atacar. Isso não é um sinal de sucesso; um vencedor não faz tais pedidos.

O fato é que no Vietnã, no Iraque e no Afeganistão, os Estados Unidos falharam em sua missão de desenvolver e sustentar democracias.

O que explica esse fracasso triplo? Por sorte e falta de pontaria da parte dos inimigos, fui capaz de testemunhar os combates em terreno real em todas as três guerras e a criação das políticas de alto nível que as moldaram.

Neste artigo, apresento o que acredito ser a raiz dos fracassos. Oscar Wilde certa vez observou: “Dois tipos de pessoas são fascinantes: pessoas que sabem absolutamente tudo e pessoas que não sabem absolutamente nada”. Estou dando a opinião de um homem, mas espero não cair em nenhuma das categorias.

Em termos gerais, a liderança na guerra vem de três centros. O primeiro consiste nos comandantes militares que elaboram a estratégia e decidem como nossas tropas irão lutar. O segundo eixo são os formuladores de políticas, incluindo o presidente como comandante-em-chefe e o presidente do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos como seu conselheiro militar, além da CIA, do Departamento de Estado e do secretário de defesa, que fornecem dados.

O terceiro eixo é a cultura e o ânimo popular de nosso país, refletidos pelos votos do Congresso e pela tendência da grande imprensa. A imprensa não informa “apenas os fatos”; em vez disso, apresenta um ponto de vista ao selecionar quais fatos focar. O ânimo



popular é a base final do poder político, porque o centro de políticas não pode travar uma guerra sem recursos do Congresso.

Dividi as guerras em fases principais e, para cada fase, atribuí uma porcentagem de responsabilidade pelo fracasso a cada um desses três centros, conforme mostrado a seguir.

| Percent Responsibility for Failure |                   |            |              |
|------------------------------------|-------------------|------------|--------------|
|                                    | Military Strategy | Policy Hub | Popular Mood |
| 1. Vietnam 1965–1967               | 30%               | 70%        | 0%           |
| 2. Vietnam 1968–1975               | ++                | 30%        | 70%          |
| 3. Iraq 2003–2006                  | 20%               | 80%        | 0%           |
| 4. Iraq 2007–2011                  | +++               | 20%        | 0%           |
| 5. Iraq 2012–2021                  | +++               | 80%        | 20%          |
| 6. Afghanistan 2001–2021           | 50%               | 50%        | 0%           |

Uma avaliação de 0% indica que não acredito que aquele eixo específico tenha contribuído para o fracasso naquela fase da guerra. Uma classificação "+" significa que o eixo contribuiu para o sucesso, não para o fracasso. Observe que, embora o centro da tomada de decisão errada tenha mudado de guerra para guerra, no geral a responsabilidade mais pesada recaía sobre o eixo político em Washington, incluindo o comandante-chefe.

1. Vietnã, 1965–67. O general William Westmoreland em Saigon, capital do então Vietnã do Sul, empreendeu uma campanha de desgaste impensado, trocando vidas americanas por norte-vietnamitas em incursões aleatórias na selva profunda.

No 1º Corpo do Norte, os Fuzileiros Navais seguiram uma direção diferente, patrulhando para empurrar os guerrilheiros vietcongues para fora das aldeias. O sucesso foi frustrado, no entanto, quando dezenas de milhares de soldados norte-vietnamitas foram para o sul.

Ordenadas a não flanquear o inimigo por incursões no Laos ou no Vietnã do Norte e a permanecer num front estreito, as tropas dos Estados Unidos travaram batalhas defensivas que não faziam sentido estratégico e foram mal executadas.

Qual foi a causa desta luta fútil? Tanto o comandante em Saigon (general Westmoreland) e o comandante-chefe em Washington (presidente Lyndon Johnson) compartilhavam uma crença solipsista<sup>1</sup> de que os norte-vietnamitas desistiriam assim que compreendessem que a América era fisicamente mais forte.

O presidente concedeu ao inimigo um santuário terrestre e recusou-se a bombardear sua infraestrutura econômica e industrial ou minar seus portos para impedir a entrega de suprimentos de guerra da China e da Rússia. Contudo, nenhum oficial superior do lado norte-americano renunciou ou objetou publicamente.

Durante essa fase, a imprensa se concentrou mais no sangue da batalha do que na falta de estratégia. O Congresso e o público basicamente apoiaram a guerra. Os

<sup>1</sup> **Solipsismo:** Doutrina filosófica cujos preceitos se pautam numa única realidade representada somente pelo eu empírico. Em outras palavras: Ortega Y Gasset – “Eu sou eu e as minhas circunstâncias”.



comandantes seniores em Saigon e os formuladores de políticas em Washington tinham a mesma responsabilidade por uma desordem caótica.

2. Vietnã, 1968–75. O inimigo lançou um ataque total contra as cidades do Vietnã do Sul, acreditando que a população se levantaria para apoiá-la. Em vez disso, a infraestrutura exposta dos insurgentes foi destruída e os soldados do Exército do Vietnã do Norte (NVA) foram dizimados. O generalato americano errou de 1965 até o início de 1968 e depois se adaptou bem. Nos anos seguintes, as táticas americanas melhoraram drasticamente e o NVA foi levado para as profundezas da selva. Quando os militares americanos se retiraram em 1972, o tráfego circulava sem ser perturbado na maior parte das áreas povoadas. O eixo de política, no entanto, havia perdido toda a energia. A imprensa americana retratou o ataque às cidades em 1968 como prova definitiva de que a guerra não poderia ser ganha e exaltou os protestos estudantis contra a guerra e o alistamento militar.

Depois que o presidente Richard Nixon renunciou em desgraça em 1974, o poder Executivo concedeu ao Congresso o controle total da tomada de decisões sobre o Vietnã. O Senado e a Câmara democratas aprovaram uma legislação que proibia os bombardeios dos EUA em qualquer lugar do Sudeste Asiático, independentemente da provocação.

A ajuda militar ao Vietnã do Sul foi reduzida a uma ninharia, enquanto enormes armamentos soviéticos e chineses reconstruíam o NVA.

Em 1975, o NVA tomou o Vietnã do Sul. É historicamente controverso se o Sul poderia ter sobrevivido se tivéssemos continuado a ajuda e os bombardeios. A narrativa do pós-guerra na imprensa americana atribuiu toda a culpa à liderança sul-vietnamita. O centro de políticas desintegrou-se com a renúncia do presidente Nixon. No início dos anos 1970, o ânimo popular, refletido na imprensa e no Congresso, se voltou contra o Vietnã do Sul, garantindo seu colapso.

3. Iraque, 2003–2006. O Iraque teve três fases. Em 2003, o centro político, liderado pelo presidente George W. Bush, invadiu a região para destruir o regime sunita de Saddam Hussein. Nossos líderes políticos, então, imprudentemente dispersaram o exército iraquiano. Os militares americanos tomaram seu lugar, declarando que nossos soldados e fuzileiros navais eram construtores de nações, além de guerreiros.

Nossos formuladores de políticas então estimularam passivamente o surgimento de políticos xiitas astutos e vingativos com a intenção de privar a minoria sunita de seus direitos. Nossos principais generais em Bagdá se atrapalharam, especialmente ao entregar Fallujah à rede terrorista Al-Qaeda no Iraque.

4. Iraque, 2007–2011. Mas no final de 2006, as tribos sunitas no oeste do Iraque aliaram-se aos fuzileiros navais contra os terroristas. O general David Petraeus assumiu o comando e incentivou as milícias sunitas dos bairros no centro e norte do Iraque, controlando as invasões predatórias de milícias xiitas ajudadas pelo Irã. O eixo político, liderado pelo presidente, forneceu firme apoio e recursos.

Em 2008, o Iraque se estabilizou militarmente. Tão importante quanto, a onipresente presença militar americana anulou a ameaça de uma guerra civil sunita-xiita e deteve as ações desestabilizadoras dos políticos xiitas.

Depois de um mau começo, os Estados Unidos conseguiram construir uma frágil nação democrática. A chave para esse sucesso foram nossas unidades militares espalhadas por todo o país, evitando excessos políticos. Nossos soldados foram a força

estabilizadora. O eixo político teve um bom desempenho até 2011, exceto por concordar em retirar nossas tropas.

5. Iraque, 2012–2021. No final de 2011, o eixo político, liderado pelo presidente Barack Obama, começou a retirar todas as tropas dos EUA, apesar dos avisos de dentro do Pentágono e do Departamento de Estado. Os políticos xiitas então oprimiram as tribos sunitas, e o Isis voltou, tomando cidade após cidade. Em 2015, os EUA tiveram de apressar a volta de conselheiros e comandos, além de artilharia e apoio aéreo. Depois que o Isis foi esmagado, em 2020, o presidente Donald Trump, criticando nossa presença militar no Oriente Médio, retirou a maioria de nossas tropas.

A opinião popular americana desempenhou um pequeno papel à medida que a Guerra do Iraque aumentava e diminuía nas últimas duas décadas. Sem convocação, não houve movimento de protesto estudantil. Uma grande diferença em relação ao Vietnã foi que o povo americano e a imprensa apoiaram as tropas.

A responsabilidade de decidir em primeiro lugar a construção de uma nação democrática (em 2003) e depois retirar todas as tropas (em 2012 e novamente em 2019) pode ser encontrada no eixo político, liderado por três presidentes sucessivos com pontos de vista distintamente opostos. Em 2021, apenas algumas tropas americanas permaneceram no Iraque. O governo iraquiano era corrupto e ineficaz, e a influência do Irã entre os xiitas era mais forte do que a dos Estados Unidos.

6. Afeganistão, 2001–2021. Esta é uma história marcadamente diferente. Invadimos para destruir a Al-Qaeda, que, devido a decisões militares errôneas, escapou para o Paquistão. O eixo político, fortemente liderado pelo presidente, decidiu então que os Estados Unidos eram obrigados a transformar uma confederação de tribos rebeldes em uma democracia autossustentada. Nossos militares concordaram que poderiam cumprir essa missão.

O país carecia de senso de nacionalismo e não havia recrutamento. Soldados afegãos de tribos tadjiques foram enviados às províncias pashtuns para lutar contra os talibãs pashtuns.

Por dez anos, soldados americanos e aliados patrulharam aldeias disputadas, controlando apenas o terreno em que pisavam. Começando por volta de 2012, a estratégia de campanha americana/aliada se concentrou mais no treinamento do exército afegão.

Mas "a coisa certa" não estava lá. A liderança e o moral do lado do governo permaneceram instáveis, enquanto as lealdades tribais permaneceram mais altas do que as nacionais. Os comandantes americanos aderiram às tentações do "poder brando", como dinheiro para construção, para cortejar os pashtuns. Não funcionou. Ano após ano, as áreas rurais do sul e do leste do Afeganistão caíram sob o controle do Talibã.

Ainda assim, ao longo do curso de deterioração da guerra, a imprensa e o Congresso permaneceram amplamente solidários. O ânimo popular gradualmente mudou para um cansaço da guerra, não para a oposição política. A derrota do Talibã falhou porque o Paquistão forneceu um santuário, os governos de Cabul foram irresponsáveis e as tribos pashtun, lucrando com o cultivo da papoula, nunca rejeitaram o Talibã em seu meio.

Em mais de uma década de reportagem, estive no Nuristan, Korengal, Kunar, Nuristan, Marjah, Nad Ali, Sangin e lugares intermediários. Em nenhum local nossos soldados acreditaram que os soldados afegãos tomariam conta do campo depois que os americanos partissem. Nove generais americanos ocuparam o comando máximo no

Afeganistão. Ainda assim, ao longo de seus mandatos combinados, a doutrina militar subjacente - nossos soldados como construtores de nações - permaneceu incontestada.

Essa lacuna gritante que separa as avaliações dos soldados daquelas dos generais exige explicação. Perder guerras leva à tendência de a próxima geração não se voluntariar para trabalhos difíceis, como infantaria.

No futuro, as forças especiais americanas e aliadas e as aeronaves de ataque, em pequeno número, devem permanecer indefinidamente no Afeganistão para evitar um colapso que prejudique gravemente nossa reputação global. Deve-se evitar uma repetição das imagens de 1975 de Saigon em pânico total. A sorte, entretanto, está lançada.

São os fatos reais, não as negociações, que determinarão o resultado no longo prazo. Os legisladores americanos eram arrogantes e perdulários, acreditando que a força das armas e uma espantosa generosidade de dinheiro poderiam alterar uma sociedade tribal que avançava de cabeça para o século IX. Mais cedo ou mais tarde, o país se dividirá ou o Talibã controlará um governo repressor dos direitos humanos e decididamente antidemocrático.

Em resumo, nas três guerras, o eixo político foi o principal responsável pelas falhas. Em nenhum caso o presidente que iniciou as hostilidades as concluiu antes de deixar o cargo. Nos últimos 70 anos, o ramo executivo acumulou mais poder do que sabedoria. Os Pais Fundadores dos EUA pretendiam limitar o poder do ramo Executivo, com Thomas Jefferson alertando sobre a “idolatria da realeza”.

Das três guerras, apenas no Vietnã o humor popular, conforme refletido na imprensa e nos votos do Congresso, desempenhou o papel final e central no fracasso.

No Iraque, em 2011, nossos militares haviam estabelecido um sólido caminho à frente, enquanto nossas tropas continuassem sendo a força estabilizadora. Em 2012, no entanto, os legisladores deixaram a vitória escapar retirando peremptoriamente nossas tropas, permitindo que os terroristas se reconstituíssem e resultando em uma bagunça em 2021.

No Afeganistão, nosso objetivo de segurança após o 11 de setembro era destruir o movimento terrorista. Esse objetivo foi amplamente alcançado. Mas a Casa Branca exagerou ao ampliar a missão para incluir a construção da nação. Nossos comandantes militares e o eixo político compartilham a mesma responsabilidade por se recusarem a reconhecer que isso era ambicioso demais. Uma nação democrática autossustentável só seria alcançável se, como na Coreia do Sul, estivéssemos dispostos a permanecer em grande número por 70 anos.

O que vem a seguir? É claro que devemos nos empenhar para deter a China, e não para nos envolvermos em outra contra-insurgência.

Em termos de estratégia militar, o Corpo de Fuzileiros Navais emergiu de maneira inovadora ao mudar adequadamente seu foco. Os investimentos de capital, no entanto, da Marinha e da Força Aérea não refletem um ponto central para contrabalançar a China. A administração Trump, embora antagonizasse nossos aliados, despertou o eixo público para a ameaça das ambições da China.

Mas se o fracasso em nossas últimas três pequenas guerras nos diz alguma coisa, é que o eixo político emanado da Casa Branca cresceu muito confiante em sua própria e quixotesca infalibilidade, não desafiada por um Congresso divisivo, que é indiferente em questões de guerra. Quando a América não está determinada, perdemos. Não há sinal de que o eixo político tenha a humildade de compreender esse fato existencial.

\*Bing West, ex-secretário assistente de defesa e combate da Marinha, é um historiador militar. Ele escreveu dez livros sobre guerras no Vietnã, Iraque e Afeganistão, o último

(Contribuição do correspondente Dr. Frederico Euclides Aranha)

## Livros adquiridos

AMTB/RS



A.G. LIMA  
**CRONOLOGIA  
DA HISTÓRIA  
RIO-GRANDENSE**  
1 9 3 6

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO - PORTO ALEGRE

FERNANDO  
CACCIATORE  
de GARCIA

FRONTEIRA  
ILUMINADA

HISTÓRIA  
do POVOAMENTO,  
CONQUISTA e LIMITES  
do RIO GRANDE do SUL

a partir de  
TRATADO de TORDESILHAS  
1420 - 1920



Editorial do Brasil

12